

O RISCO DE AMAR

Annette Broadrick

Título original: MARRIED OR NOT?



Ele ainda era seu marido...

Greg Hogan pensava que já tinha a vida ganha. Até que tudo mudou quando recebeu a notícia de que sua ex-mulher estava entre a vida e a morte. Apesar de Sherri dizer que não precisava de sua ajuda. Greg não podia dar as costas para ela. Por impulso, ele a leva para casa. Por desejo, começa a sentir novamente as labaredas da paixão que ainda ardia entre eles. Mas para que Greg aceite Sherri em sua casa, em sua cama, em sua vida, ele terá de correr o risco de revelar o segredo que os separou.

Digitalização: Simone Ribeiro

Revisão: Crysty

CAPITULO UM

Se Sherri Masterson tivesse uma bola de cristal quando acordou naquela manhã de sexta-feira em meados de março, teria desligado o despertador e ficado na cama. Mas, ao contrário, seguiu sua rotina normal. Levantou-se, tomou banho no apartamento que dividia com a professora Joan Price. A cafeteira automática a esperava quando ela entrou na cozinha. Leu o jornal, mordiscou um pedaço de torrada e bebeu seu café antes de sair para o trabalho.

Sherri amava seu emprego de escritora técnica. Trabalhava em Austin, no Texas, com um monte de mentes brilhantes que criavam novos softwares para os consumidores. Seu trabalho era traduzir a linguagem técnica da informática para uma linguagem simples *do dia-a-dia* para que, assim, os usuários não tivessem problemas em entender o que o software tinha a oferecer e como usá-lo. Trabalhava para a Novas Idéias Inc. havia três anos.

Quando chegou ao escritório, todos estavam falando sobre o fim de semana.

Os fins de semana dela eram sempre iguais: fazer compras, levar a roupa para secar na lavanderia, pegar as da semana anterior e voltar para casa para lavar as roupas, toalhas e lençóis acumulados.

Sábado era a grande noite da semana, quando ela e seu gato se aninhavam na frente da televisão para assistir a um filme alugado na Netflix.

Ficava ansiosa pelos seus fins de semana, pois era quando podia relaxar e aproveitar o tempo livre. Não estava interessada em namorar, o que a fazia ter problemas com Joan, que estava sempre tentando arrumar alguém para ela: um colega professor, o amigo de uma amiga etc.

Sherri não queria nada disso: namorar, a possibilidade de se apaixonar... novamente. Ter seu coração magoado... novamente. Já tinha se apaixonado. E quase não sobrevivera.

No entanto, o importante é que conseguira. Parecia ser o destino dela perder as pessoas que amava e das quais dependia. Descobrira que, apesar das palavras dos poetas, era melhor *não* amar, do que amar e perder.

Sherri aprendera que a vida podia ser indescritivelmente cruel três semanas antes de completar 14 anos, quando lhe disseram que seus pais tinham sofrido um acidente de avião em uma viagem para a Grécia.

Havia ficado com a tia Melanie e estava ansiosa para ver os pais novamente, ansiosa para ver as fotos da viagem e, é claro, receber os presentes que tinham comprado para ela.

Falara com sua mãe todos os dias e imaginava com sofrimento a descrição da viagem. Era a primeira viagem que faziam sozinhos. Tia Melanie insistira para que fizessem uma segunda lua-de-mel, pois não tinham podido ir a lugar algum logo depois do casamento.

Quando a tia lhe contou sobre o desastre, Sherri recusou-se a acreditar que seus pais tinham morrido. Falara com eles mais cedo. Eles sentiam a falta dela tanto quanto ela sentia a deles, e logo a separação teria fim.

A mensagem tinha de estar errada. Tinha de estar.

Mas o desastre foi anunciado por todos os canais de notícias, pois a maioria dos passageiros era americana e ninguém tinha sobrevivido.

Sherri lembrava pouco do funeral. Somente esboços da cena permaneciam em sua memória. A melhor amiga da mãe segurando sua mão e chorando, enquanto Sherri permanecia ali, de olhos secos. A exposição de fotos de seus pais que a tia juntara. O chefe do pai dizendo para a tia que ele tinha um seguro de vida substancial e uma pensão, e que ele não queria que Melanie ou Sherri se preocupassem com dinheiro.

Como se dinheiro fosse capaz de substituir o que tinham perdido.

Ficou tão irritada... com todo mundo: com as aulas que a impediram de viajar com os pais, com a companhia aérea por permitir que o avião caísse, e especialmente com os pais por morrerem e a deixarem sozinha. Desejara estar com eles. Pelo menos estariam juntos,

Sherri vendeu a maioria dos móveis e dos aparatos de casa, e os dois carros. Dissera à tia que não queria nada da casa, mas Melanie tinha sido sábia

e guardado a maior parte dos pertences pessoais que Sherri mais tarde veio a apreciar.

Sherri finalmente conseguiu superar a dor, mas a um preço alto. Aprendeu a manter todos a distância e a recusar ofertas de ajuda, pois depender de pessoas que talvez a deixassem era doloroso demais. Se não se aproximasse muito de alguém, não tinha de sofrer com a possibilidade de enfrentar mais uma perda dolorosa.

Aprendera a sobreviver a qualquer coisa que a vida aprontasse com ela. Sua única tentativa, depois de se tornar adulta, de se aproximar de alguém tinha sido um desastre.

Agora Sherri estava concentrada em ser uma escritora técnica excepcional, e feliz em renunciar aos prazeres de uma relação.

Estava concentrada na leitura do manual no qual estava trabalhando, que seria impresso na semana seguinte, quando escutou que seu chefe, Brad Horton, havia marcado uma reunião para as 10 horas daquela manhã.

Ninguém parecia saber o motivo. Normalmente tinham reuniões às segundas. Ela olhou para o manuscrito ansiosa. Estava quase terminando. Com sorte, a reunião seria curta e ela poderia passar o restante do dia terminando e aperfeiçoando o trabalho.

Quando chegou à sala de conferência, havia outros 15 funcionários ali. Por que Brad convocara uma reunião somente para alguns, e não para a equipe inteira? Pretendia anunciar algum tipo de prêmio?

Sherri olhou ao redor. Havia pessoas de seu departamento e de outros. Talvez todos os seu esforços fossem ter uma recompensa. Talvez Brad planejasse dar-lhes um bônus de meio de ano.

Sim, certo.

Nenhum deles fazia idéia de por que estavam ali, e todos cochicharam quando Brad entrou.

— Obrigada por estarem aqui — começou ele, as mãos unidas nas costas. — Como vocês sabem, estamos tendo dificuldades para alcançar nossa meta de vendas trimestral. A direção gastou tempo e esforço consideráveis para

chegar a uma solução. Temos de encarar a realidade de que o melhor para a empresa é diminuir o quadro de funcionários.

Um arquejo coletivo varreu a sala. O coração de Sherri quase parou antes de acelerar. Ele estava falando dela? Ela olhou em volta da sala e viu que todos estavam olhando para ele mostrando surpresa.

— Quero que saibam que isso não tem a ver com o desempenho de vocês — continuou ele. — Todos são excelentes no que fazem. Estamos apenas sendo forçados a cortar os gastos e, infelizmente, essa é a única maneira para fazermos isso.

Ela ficou horrorizada. E envergonhada. Não importava como Brad colocasse as palavras, estavam sendo demitidos.

Sherri lutou para conseguir lidar com a situação. Nunca fora demitida. Sempre recebera elogios pelo trabalho que fazia. Por que a escolheram? Entendia de economia, mas por que ela era um dos funcionários escolhidos para serem dispensados?

Seus pensamentos estavam agitados, e ela começou a suar frio. O que faria? Como encararia Joan para dizer-lhe que tinha perdido o emprego? A razão pela qual Joan a chamara para dividir o apartamento era o aluguel, caro demais para ela pagar sozinha.

— Para tornar a transição um pouco mais fácil para cada um de vocês... — continuou Brad. Sherri forçou-se a escutar. Tinha de se concentrar. Não podia demonstrar desespero na frente de todos. — ...vocês receberão um cheque por duas semanas de trabalho e as férias que têm por receber. Vocês são pessoas talentosas. Lembrem-se disso. Isso é uma decisão puramente de negócios.

Ele olhou ao redor da sala.

— Alguma pergunta?

Ninguém falou. Finalmente, Sherri levantou a mão.

— Sim, Sherri?

— Hum, Brad, sabe o manual no qual estou trabalhando? Estava terminando para ser impresso semana que vem. Você quer que eu termine antes de ir embora?

Ele balançou a cabeça,

— Aprecio a sua gentileza, mas não. Vamos ter de lidar com isso sem você. — Ele olhou em volta da sala. — Alguém mais?

Nada disseram.

— Nesse caso... — Ele colocou a mão no bolso do paletó do terno e pegou um maço de envelopes. — Quando eu disser o nome de vocês, por favor, peguem seus cheques na minha mão. Vai haver alguém na mesa de cada um esperando para ajudá-los a esvaziar a mesa.

A pior das humilhações. Teria de esvaziar a mesa com alguém ao seu lado para ter certeza de que você não levaria nada que não fosse seu.

Com toda dignidade, Sherri foi até a cabeceira da mesa quando seu nome foi chamado, pegou o cheque e voltou para sua mesa. Um sorriso estava além da capacidade dela.

Todos estavam calados. Os que iriam permanecer na empresa estavam de cabeças baixas, trabalhando. Se ela estivesse no lugar deles, com certeza faria o mesmo. Agora estava separada deles. Trabalhavam aqui. Ela não.

Encontrou uma caixa e começou a tirar de sua mesa os livros de referência e outros pertences que acumulara durante os últimos três anos.

Ela saiu acompanhada e, assim que estava no estacionamento, apressou-se até o carro, que naquele momento era o único escape e santuário que tinha. O interior do carro estava fumegante de calor e Sherri rapidamente abaixou as janelas enquanto colocava a caixa no banco de trás. Dentro do carro, colocou as mãos sobre o volante e olhou fixamente através do pára-brisa.

O que eu fiz de errado? Raramente chegava atrasada e sempre avisava. Não tirava licença por causa de doença como os outros. Talvez não devesse ter faltado à reunião de algumas semanas atrás para conseguir terminar um trabalho a tempo.

O pânico surgiu. E como ficaria sua parte no aluguel e nas contas? Tinha dinheiro guardado para emergências, mas não muito. Não teria renda para pagar as despesas.

O dinheiro deixado para ela por seus pais permitira que Sherri pagasse a universidade e comprasse um carro. Era agradecida por não ter tido que se preocupar com empréstimos estudantis e pela precaução deles.

O que faria? Tinha de conseguir outro emprego, mas onde?

Teria de passar por entrevistas, as quais detestava. Teria de dizer-lhes que tinha sido demitida. Isso seria um ponto negativo contra ela?

Os olhos dela finalmente se focaram em algumas poucas pessoas que estavam de pé ao lado de seus carros estacionados, discutindo sobre o que havia acontecido. Mas ela não queria falar sobre o assunto com ninguém. O que queria era voltar para casa e esconder-se na cama ou, pelo menos, colocar a cabeça sob o travesseiro.

Sua vida tinha sido cuidadosamente estruturada. Acreditara que trabalhar com afinco e aperfeiçoar suas habilidades a protegeria.

Lágrimas escorreram em seu rosto. Ela ligou o carro e esperou que o ar-condicionado esfriasse um pouco antes de fechar as janelas.

Não podia ficar ali sentada no estacionamento o dia todo. Não tinha outro lugar para ir além de sua casa. Por sorte ainda estava no horário escolar. Só teria de enfrentar Joan mais tarde.

Joan planejara passar a maior parte do verão com três de suas amigas professoras viajando pela Europa. Partiriam no final de junho.

Sherri sabia que estava sendo covarde, mas desejava que isso tivesse acontecido depois da partida de Joan. Poderia usar o tempo para recuperar-se e fazer alguns planos.

Ela ficou enjoada. Tinha de reverter a situação de alguma maneira.

Sherri abaixou o visor e se olhou no espelho.

— E então? O que você pretende fazer agora?

A imagem no espelho, cabelo castanho-escuro, olhos verdes e pele branca a encarava confusamente.

— Tente não entrar em pânico. Você consegue.

Ela levantou o espelho e colocou o carro em movimento. Quando saiu do estacionamento, pensou em um ponto positivo... Pelo menos o carro já estava

pago. Era uma preocupação a menos. Já tinha alguns anos, mas ela cuidava bem dele. Só tinha de torcer para que nada muito importante estragasse até que tivesse uma renda fixa novamente. Ela olhou para trás por um momento antes de entrar no acesso que seguia para a avenida. Em seguida olhou para o relógio do carro e ficou surpresa ao descobrir que ainda não era meio-dia. Fazia apenas algumas horas que estivera em casa bebendo café e lendo jornal?

Sherri balançou a cabeça. Definitivamente havia um lapso acontecendo no tempo. Nada parecia real.

Quando chegou à avenida, seguiu para casa. O tráfego estava tranqüilo àquela hora do dia, o que era uma bênção. Precisava manter o foco na direção.

Depois de alguns quilômetros a setenta por hora, percebeu que, mais uma vez, a sorte estava contra ela. Luzes de freio iluminaram-se a sua frente e ela começou a diminuir a velocidade. Deveria haver algum acidente mais à frente.

Por força do hábito, olhou para o espelho retrovisor e ficou imóvel.

Um caminhão tinha de repente aparecido atrás dela e estava aproximando-se velozmente da traseira de seu carro.

Ele não estava vendo todas as luzes de freio acesas na frente dele? Não podia perceber que ela tivera de parar completamente?

O tempo começou a passar mais devagar para ela conforme observava a tentativa que o motorista fazia para diminuir a velocidade do caminhão. Ela pôde escutar o ruído dos freios enquanto ele se movia inexoravelmente em sua direção.

Sherri sentiu uma certa calma enquanto esperava que ele batesse nela. Talvez fosse assim que sua vida iria terminar. Naquele momento, ela realmente não se importava.

A última coisa de que se lembrava era do barulho estridente do metal quando o caminhão afundou em seu carro.

Ela acordou se perguntando onde estava. Sentia-se como se estivesse flutuando. Ouvia vozes vagas que pareciam não ter nada a ver com ela. Vozes excitadas. Perguntou-se por que estavam tão alteradas.

Então alguém perto dela gritou.

— Essa aqui está presa no carro. Temos de tirá-la daqui. Agora!

— Ela está viva?

— Não sei dizer. Posso vê-la, mas não consigo alcançá-la. Ela desejou saber sobre quem estavam falando.

Sons altos ecoaram ao redor dela. Sons irritantes. Que falta de educação. Não percebiam que ela estava tentando descansar?

Ela desmaiou. As vozes a distância, até que sentiu uma mão em seu pescoço.

— Tem pulso. Vamos retirá-la.

O assento se mexeu. Por que ela estava sob a colisão? Carros compactos eram pequenos demais para fazerem brincadeiras. Em seguida, mais mãos a tocaram, movendo-a. Ela gritou e desmaiou novamente.

CAPÍTULO DOIS

Greg Hogan estava se dirigindo à delegacia quando o rádio o chamou de volta. Como detetive de homicídios, passava o menor tempo possível na DP. Mas hoje ele precisava verificar umas informações no computador. Estava investigando o assassinato de um jovem fotógrafo, e as evidências apontavam para uma pessoa que conhecia sua vítima o suficiente para tê-la chamado para a casa dela. Tinha alguns suspeitos em mente. E precisava das evidências para prendê-los.

Perguntou-se por que fora chamado. Talvez tivesse irritado o capitão. Se assim o fosse, seria a terceira vez essa semana. O capitão não gostava da atitude de Greg em relação ao trabalho. Não trabalhava em equipe. Era independente e indisciplinado. A questão era que Greg resolvia os casos de homicídio, e o capitão não tinha como argumentar.

Porém, o êxito de Greg não impedia que o capitão ficasse atento a ele. Já estava tão acostumado com isso que havia muito tempo já o ignorava,

imaginando que, enquanto o capitão estava atrás dele, deixava os outros em paz.

Na semana anterior, Pete Carter salientara como Greg estava sendo altruísta protegendo os outros do capitão. Pete era um sargento da força policial e estava nela há mais tempo que qualquer outro. Greg imediatamente sugeriu que, como eles estavam em melhores circunstâncias com ele recebendo o impacto das reprimendas, deviam-lhe uma cerveja.

Greg sorriu com a lembrança.

Ele estacionou em sua vaga na estação e saiu do carro. A vaga era um dos benefícios que tinha recebido com a promoção há alguns meses, apesar do relacionamento conturbado com o chefe.

A vida era boa.

Assim que Greg entrou, soube que alguma coisa estava errada. Havia mais homens ali do que o normal. E todos estavam com a expressão soturna. Greg colocou as mãos nos quadris.

— O que está acontecendo?

Pete aproximou-se e colocou a mão no ombro dele.

— Sinto ter notícias ruins para você.

Greg olhou ao redor da sala e franziu rosto.

— O que aconteceu? Alguém se machucou? Quem?

— Não. É Sherri.

— Sherri? O que tem ela?

— Sofreu um acidente em um engavetamento de carros esta manhã. Ela foi levada para o hospital de helicóptero... estava viva quando a levaram, mas ouvi dizer que o estado dela é crítico.

Greg ficou agradecido por ter uma cadeira por perto. Seus joelhos tremiam tanto que ele se sentou antes de sua reação ficar aparente para todos. Ele cerrou o maxilar.

— Como vocês dois tiveram uma história, imaginei que fosse querer saber — continuou Pete, soando solidário.

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

